

FELTE BEZERRA: UM HOMEM FASCINADO PELA ANTROPOLOGIA

*Beatriz Góis Dantas**

Há muitos anos a figura de Felte Bezerra povoa a minha mente, enquanto temática promissora de trabalho. Por ocasião de sua morte, com base em dados que vinha reunindo, rabisquei algumas páginas que não cheguei a publicar, adiando mais uma vez o velho projeto, talvez por colocar-me a expectativa de fazer um trabalho à altura do personagem. É que Felte tem para mim a força e a estatura de um herói fundador, uma vez que foi um dos iniciadores do ensino da Antropologia em Sergipe. Como tal, sua figura está impregnada de uma aura quase mítica que costuma marcar as evocações de retorno às origens. Quando em 1960 ingressei na Faculdade Católica de Filosofia, ouvia falar de Felte, o professor de Antropologia recém emigrado para o Rio de Janeiro, que deixara entre seus pares uma imagem associada à competência e dedicação à pesquisa, do qual se falava com admiração e respeito. Não tendo sido sua aluna, habituei-me a reverenciá-lo como mestre, pois, à medida que avançava no curso e intensificava as consultas à biblioteca da Faculdade, sempre me deparava com livros - sobretudo de Antropologia mas também de outras áreas - publicados em inglês, francês, espanhol e português, evidentemente, nos quais Felte, como antigo proprietário, em letra miúda e bem delineada, na página de rosto apusera o seu nome, e no corpo do texto, riscos e comentários, sinais evidentes de uma leitura atenta das obras. Dessa forma, foi lendo os livros que pertenceram ao professor Felte Bezerra que me iniciei na aventura da Antropologia, sob orientação de uma das

(*) Professora aposentada do Departamento de Ciências Sociais e do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da UFS.

suas ex-alunas a professora Josefina Leite Campos. Essa evocação dos meus primeiros contatos com o biografado serve de moldura para este texto que pretende mapear a trajetória intelectual do professor Felte enfocando especialmente sua relação com a Antropologia, numa tentativa de recuperar a rede de relações sociais em cuja trama se tece a sua formação e a sua produção antropológica desenvolvida, inicialmente, em Sergipe e, mais tarde, no Rio de Janeiro.

No cenário cultural de Sergipe das décadas de 30 a 50, Felte apresenta-se como uma figura multifacetada, com interesses e atuação em diversas áreas, conseguindo aliar o amor às artes e à ciência às atividades no mundo do comércio e das finanças. Com destacada atividade no ensino médio, fez parte de uma geração que se empenhou na criação dos cursos superiores em Sergipe, incluindo-se não só entre os entre os fundadores da Faculdade Católica de Filosofia - onde se inicia o ensino regular das Ciências Sociais - mas também notabilizando-se como professor de Antropologia e autor de vários trabalhos na área. Diria que Felte elegeu a Antropologia como centro de toda sua vida. Embora tenha encerrado formalmente sua docência em 1959, manteve-se ligado ao estudo e à pesquisa desse campo de conhecimento até sua morte. Ainda em 1987 dizia : "...eu comecei a gostar de Antropologia e acabei fascinado..."(1).

A palavra por ele utilizada para exprimir sua relação com a Antropologia foi fascínio, algo muito forte e visceral que não se diluiu com o tempo e que fez dele, na expressão muito pertinente de Jackson da Silva Lima, um "antropólogo vocacionado"(2).

Como teria Felte se transformado em antropólogo? Como se fez a carreira desse menino nascido em Aracaju no ano de 1908, filho de Esmeralda Araújo Bezerra e Abdias Bezerra, este um professor famoso do Ateneu, centro de ensino respeitado por abrigar durante décadas o que havia em Sergipe de mais significativo em termos intelectuais. Coursou os estudos básicos no Colégio Tobias Barreto, o colégio do professor Zezinho, como era conhecido o diretor José de Alencar Cardoso, mencionado por Felte como excelente pedagogo. Este e outros professores como Alcebíades Pais, Artur Fortes e o próprio genitor deixaram marcas na sua formação, sendo citados em suas anotações autobiográficas (3). Para os jovens sergipanos que, na década de vinte, quisessem dar continuidade aos seus estudos fazendo

curso superiores, a alternativa seria seguir para outras cidades, mais freqüentemente Salvador ou Recife cuja proximidade tornava-as mais acessíveis aos filhos da classe média.

Diz Felte:

"Assisti à saída de colegas de turmas para as Universidades, mas não tinha condições de acompanhá-los. Meu pai sempre foi muito pobre, probo, altamente respeitado, mas sem recursos para manter-me fora para estudar." (4).

Assim, a pretensão de fazer um curso superior é adiada pela necessidade de ingressar no mercado de trabalho e ajudar a família. Nas atividades de bancário e de gerente de escritório comercial se demora uns quatro anos, até que resolve prestar vestibular em Salvador. Mas o sonho de cursar Medicina teve que ser substituído por Odontologia, curso menos longo e menos oneroso.

Na Faculdade e nas pensões da velha cidade convive com estudantes de Medicina muitos deles sergipanos como Garcia Moreno, de quem se torna amigo e parceiro nas discussões acadêmicas, e Lourival Bonfim, com quem treina o inglês que lhe facultará mais tarde a leitura de muitos livros não traduzidos.

Volta a Sergipe em 1934, e abre consultório em Aracaju. No entanto, como assinala Garcia Moreno, mais que dar-lhe uma profissão o curso superior foi fundamental no sentido de renovar o gosto pelo estudo, pelo aprimoramento cultural, reavivando as tendências da sua formação humanística e da tradição familiar, encaminhando-o para as salas de aula. Inicia com aulas de Inglês, logo se transformando em professor de Geografia, disciplina para a qual presta concurso em 1938, defendendo a monografia Da Terra.

Sobre os concursos no Ateneu, pronuncia-se um contemporâneo do entrevistado e conhecido professor da UFS:

"No Ateneu - que concentrava o que de mais notável havia em Sergipe - os concursos para catedráticos eram sérios e atraíam as atenções da cidade. Os mais recentes, em que foram aprovados Felte Bezerra, Gonçalo Rollemberg Leite e Napoleão Dórea, confirmavam o alto nível" (5).

A tese de concurso é bem aceita e seu autor vai se firmando no conceito dos seus coestaduanos, carregando o peso de ser filho de um

nome de destaque nos meios intelectuais locais. As comparações eram inevitáveis, mas:

“Todos sentiam que o exemplo de Abdias Bezerra, de proficiência, assiduidade, senso admirável de justiça e compreensão penetrante da mocidade, não desapareciam com o velho mestre, desdobrado no filho, digno de comparar-se ao pai, malgrado a verdura dos anos (6).”

Jovem, irrequieto e idealista, ainda em 1938 Felte funda com Garcia Moreno e Colombo Felizola o Centro Cultural de Sergipe, sociedade sem sede, que durante dois anos promoveu reuniões semanais na casa dos seus membros para discutir assuntos diversos. Além dos fundadores reunia nomes como José Calazans Brandão da Silva, Edison Oliveira Ribeiro, Gonçalo Rollemberg Leite, Oscar Nascimento, João Alfredo Montes, José Rollemberg Leite, Fernando Porto, Lourival Bonfim, Mário Cabral, João Tavares Filho e muitos outros(7).

Alguns desses personagens vão constituir parte significativa da intelectualidade local nas décadas subsequentes. Mais tarde, em 1951, juntamente com outros intelectuais funda a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe (SCAS), que dirige durante sete anos, num esforço ingente para brindar os sergipanos com bons espetáculos de teatro, canto, dança e instrumentistas famosos, arcando com os desafios e riscos de uma infraestrutura precária, o que os obrigava, inclusive, a hospedar os artistas, sobretudo as mulheres, em suas próprias casas (8).

Mas, nessa tentativa de rastrear sua caminhada até a Antropologia que o enfeitiçou até o fim dos seus dias, voltemos às atividades de Felte como professor e cultor das ciências.

Como muitos da sua geração ele chegou à Antropologia trilhando caminhos diversos. Uma via de acesso foi inegavelmente o curso de Odontologia, enriquecido através da convivência com os acadêmicos de Medicina, curso que, no Brasil, forneceu boa parte dos antropólogos da primeira geração, muitos deles oriundos das levas de professores que assumem os encargos de ensinar a disciplina nas Faculdades de Filosofia. Esta associação entre ensino de Antropologia e profissionais com formação médica não é exclusividade nossa, mas imprime uma marca muito forte à Antropologia no Nordeste (9). Nesse particular, a

trajetória de Felte se assemelha à de muitos outros profissionais de sua geração que, egressos das Faculdades de Ciências da Saúde, vão se tornando professores de Antropologia e, alguns deles, enveredando pela pesquisa e construindo o saber antropológico.

A outra via de acesso foi a Geografia, em cujas artes de ensino se iniciara no colégio Ateneu na década de trinta. Àquela época, em que a institucionalização da Antropologia apenas se esboçava no Brasil (10), os elos entre as diferentes áreas de atuação eram muito estreitas. Disciplina hegemônica no campo intelectual durante o Estado Novo, a Geografia, segundo a avaliação de Castro Faria, contava com recursos amplos e uma extensa rede de organização nacional, exercendo um papel aglutinador em relação aos profissionais que atuavam em domínios científicos com fronteiras mal definidas, possibilitando a participação em eventos e criando facilidades de publicação de trabalhos. Além do mais, questões metodológicas (difusionismo, por exemplo) ajudaram a aproximar essas áreas de trabalho. Assim sendo :

"Compreende-se facilmente o evidente consórcio da Geografia e da Antropologia. A prática profissional do etnógrafo estava fortemente ancorada numa tradição que tomava espaços como lugares das manifestações concretas das variações raciais e culturais" (11).

Nesse campo Felte se movia com desenvoltura. A Geografia de então, casando o interesse pelo meio físico e pelos grupos étnicos, abre-lhe os horizontes para a dimensão cultural do homem. No seu dizer, "foi estudando os povos e as chamadas raças(...) que nasceu o gosto pela Antropologia"(12). Gosto que se firma ao longo da década de 40, enquanto professor de Geografia e leitor das obras de Antropologia, livros que lia nas suas línguas de origem ou nas traduções que começavam a ser feitas no Brasil, adquiridos, sobretudo, nas viagens para participar de congressos (13), ou através das encomendas feitas na Livraria Regina.

Mas Felte não apenas lia e repassava o que estava nos livros. Ele também pesquisava, fazia trabalhos para apresentar em encontros como o Congresso de Brasilidade ocorrido em Sergipe em 1941, do qual resultou o texto Unidade Étnica, onde já se percebe sua atração pelos temas tradicionalmente trabalhados pela Antropologia. Sem estar

preocupado com fronteiras, mesmo porque estas eram muito tênues, vai elaborando trabalhos em que, além de temas gerais, procura estudar a realidade sergipana, nos seus aspectos históricos, geográficos, folclóricos e antropológicos. Os artigos vão sendo produzidos e publicados em revistas locais como a Revista do Instituto Histórico e Geográfico, a Revista de Aracaju, ou em periódicos de circulação nacional como a Revista de Sociologia, vinculada à Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Alguns dos artigos dessa fase foram mais tarde reunidos no livro *Investigações Histórico-Geográficas de Sergipe*.

No final da década de 40, quando se inicia a busca da institucionalização do Folclore articulando, através da CNFL, intelectuais preocupados com a temática regional nos diferentes estados para formar uma rede que se espalha pelo território nacional, Felte assume a direção da Comissão Sergipana, participando de eventos e produzindo pequenos estudos, como o verbete sobre o Lambe-Sujo incluído no Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo. Nos encontros de folcloristas, muitos deles também professores de Antropologia e Sociologia, amplia-se a rede de contatos e as oportunidades de discussão dos temas que vai trabalhando a nível local.

Assim, ao longo da década de 40, partilhando da condição comum aos intelectuais da época, vai formando-se o antropólogo. Apaixonara-se pela disciplina ao ler *The Study of Man*, o clássico livro de Ralph Linton, e desde então desenvolve um esforço em que o autodidatismo procura superar-se com muitas leituras e a busca de contatos externos com outros estudiosos da área. A Antropologia estava se institucionalizando no Brasil. Fundavam-se as Faculdades de Filosofia e com elas o ensino regular da disciplina nos cursos de graduação, ampliando-se, desse modo, o trabalho que já vinha sendo desenvolvido em alguns museus. Em São Paulo, professores estrangeiros convidados para integrar centros de formação tentavam agrupar pessoas e habilitá-las à pesquisa e ao ensino da disciplina que se tornara obrigatória, nos cursos de Geografia e História. Entre muitos outros estavam Donald Pierson e Emílio Willems, vinculados à Escola de Sociologia e Política, do mesmo modo que Romano Barreto (fundador da Revista de Sociologia), Oracy Nogueira e Antônio Rubbo Muler (14). No depoimento de Felte são constantes as referências a esses intelectuais, especialmente a Emílio Willems com quem a vincu-

lação foi mais forte e se expressa no livro *Etnias Sergipanas*. Referindo-se às origens deste, Felte refere-se à ligação com Willems:

"...dizia que tinha idéia de fazer um estudo assim, uma pesquisa nesse sentido e tal. Vou mandar para o senhor alguma coisa que já escrevi. (...) E assim fiz toda a pesquisa. Mande para ele uns dois capítulos. Depois que leu e aprovou os dois capítulos mandou me dizer: Não precisa mandar mais nada. Eu já vi que você tem condições de fazer o livro" (15).

Dessa forma, Emílio Willems foi para Felte Bezerra mais que um interlocutor. Foi também incentivador de suas pesquisas. Pesquisas que se radicavam nas preocupações vigentes no seu tempo. Em 1947 Artur Ramos, de quem Felte fora aluno durante o curso de Odontologia da Bahia, que se deslocara para o Rio de Janeiro tendo importante atuação na organização do campo antropológico local, publica o último volume do livro *Introdução à Antropologia Brasileira* no qual, após apresentar um quadro geral do encontro das etnias no Brasil, chama a atenção para a necessidade de estudos de antropologia regional (16). Aí está a inspiração para o *Etnias Sergipanas*. Felte tenta contato e orientação junto ao antigo mestre através de uma "longa carta-ensaio" em que pede parecer sobre a "investigação étnica" que vem desenvolvendo em Sergipe (17).

Essa ampla rede de relações em que se tecem a formação e o fazer antropológico de Felte tem seus componentes locais. No plano interno Garcia Moreno é um interlocutor constante. Amigos de longa data, une-os o mesmo interesse por alguns temas comuns. A formação humanística e profissional do médico Garcia Moreno leva-o a aproximar-se também da Antropologia, disciplina que na sua variante biológica, então denominada de Antropologia Física, chegou a lecionar. Juntos, Garcia Moreno e Felte Bezerra vão a terreiros de xangô. Um mais interessado em descrever os rituais, os traços culturais que permitiriam ao antropólogo estabelecer vínculos de origens com certas etnias africanas, o outro, médico psiquiatra, mais atento ao "estado de santo", termo com que os fiéis designam o fenômeno que os cientistas sociais englobam na categoria de possessão, àquela época, interpretada pela via da anormalidade psíquica.

Terreiros de xangô e toré, folguedos folclóricos, tipos físicos, documentos históricos, vão passando pelo olho do pesquisador munido das teorias correntes na época, adaptadas às circunstâncias e condições locais que pretende compreender. O seu conhecimento do regional e do local se nutre do saber gerado em outros centros, com os quais se mantém em contato para não perder de vista o geral. São as interpretações sobre o Brasil que lhes fornece a inspiração e o esquema de trabalho. Nos fins da década de 40 está pronto o livro *Etnias Sergipanas* que enfeixa uma visão de conjunto sobre Sergipe nos seus aspectos históricos e antropológicos. Inspirando-se no roteiro que Artur Ramos desenvolvera no seu clássico *Introdução à Antropologia Brasileira* um tratado em que as etnias são trabalhadas de per si e nos contatos através dos conceitos de mestiçagem e aculturação, Felte monta seu esquema de trabalho e delineia a trajetória do elemento branco, do negro e do índio nas plagas sergipanas, esboçando uma análise sobre os resultados dos contatos biológicos e culturais. A influência do culturalismo americano é visível neste trabalho que ratifica, a nível local, muitas das teses defendidas por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, livro clássico de interpretação sobre o Brasil.

Emílio Willems, que o incentivara na pesquisa e, a essa altura, já se vinculara à Universidade de Vanderbilt (USA), aceita prefaciá-lo. Insistindo sobre a necessidade de trabalhos de campo louva Felte, ao tempo em que critica indiretamente o comodismo dos que nada fazem porque não lhe são oferecidas as condições ideais. Diz:

"Objetar-se-á que os pesquisadores treinados são raros entre nós e fracos os estímulos que o meio lhes pode comunicar. Essa objeção é legítima, mas alguma coisa pode ser feita assim mesmo. Prova disso temos no presente trabalho de Felte Bezerra, estudioso dos assuntos antropológicos, que não se contenta, como tantos outros, em satisfazer sua curiosidade com a mera leitura e compilação do pensamento alheio. Procurou, num esforço todo pessoal e provavelmente sem encontrar muita compreensão, achar alguma relação entre os conhecimentos substanciais da antropologia moderna que assimilara e a realidade de sua terra, o Estado de Sergipe. Nasceu assim este "survey", trabalho honesto e inteligente, que nos apresenta um

quadro bastante vivo das etnias sergipanas, sua composição, distribuição, história e prováveis origens (...). Certamente, se possuíssemos de cada Estado pelo menos um estudo semelhante a este, a dolorosa ignorância a respeito dos fatos mais elementares da vida atual das populações regionais do Brasil, ficaria reduzida a uma fração alentadora" (18).

Tendo enveredado pela pesquisa, Felte apresenta diferença em relação a boa parte dos professores que são obrigados a improvisar-se quando se criam as Faculdades de Filosofia, e a disciplina Antropologia, por força de integrar o currículo obrigatório dos curso de Geografia e História, tem que ser lecionada. Ele chegou à Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, instituição que ajudou a fundar em 1951 (19), pleiteando ser professor titular de Etnologia e Etnografia do Brasil, trazendo nas mãos trabalho sólido e reconhecido que o credenciava perante seus pares (20). Uma hipótese é que o livro tenha sido escrito para credenciar o seu autor à titularidade da cadeira pretendida na Faculdade de Filosofia, cuja idéia andava em gestação no final dos anos quarenta. Publicado em 1950, *Etnias Sergipanas* é também um passe para a Academia Sergipana de Letras na qual o autor ingressa em 1951. Ao recebê-lo, Garcia Moreno, em magistral discurso, capta com extraordinária argúcia e expõe com invulgar beleza os traços daquilo que se constitui na marca mais forte de Felte - sua vocação para professor e para o mundo da ciência e da pesquisa. Remontando à trajetória de Felte até aquela data, ao traçar o perfil do homenageado escreveu que mais do que uma biografia ele delineara:

"...a história de uma vocação. (...) A luta vitoriosa de uma vontade poderosa contra a conspiração da realidade adversa. A história de um homem lançado na confusão de múltiplos caminhos, chamado a perلustrar veredas e atalhos numerosos, mas que acerta, definitivamente, com a estrada real, chã e limpa, de seu autêntico destino" (21).

Para além da "estrada real, chã e limpa" vislumbrada naquela noite festiva, escondiam-se curvas traiçoeiras e trilhas escarpadas de difícil palmilhar. No início de 1960, deixando para trás os anos de ensino no Ateneu e na Faculdade Católica de Filosofia onde exercia seu magistério com competência e reconhecimento, uma das direção do

Banco Rezende Leite, a direção da SCAS, a colaboração intensa com vários jornais, os amigos e toda uma rotina construída ao longo da vida, Felte se muda para o Rio de Janeiro. Vai embalado por promessas de sucesso no mundo do comércio e tangido por problemas de ordem pessoal. Apesar do enraizamento na terra e do reconhecimento da intelectualidade local, deixa-se arrebatado pelo desejo de fazer a vida num grande centro, e assim, aos 50 anos, parte com a mulher e os três filhos para iniciar vida nova. O talento não lhe bastou para vencer as manhas e artimanhas da atividade regida por Mercúrio e foi nos domínios de Minerva, campo de sua vocação e encantamento, que encontrou a realização pessoal, voltando a lidar com Antropologia de permeio com as atividades que exerceu para garantir a sobrevivência. No Rio de Janeiro, foi secretário da Ordem dos Músicos do Brasil, tornou-se funcionário da Rede Ferroviária Federal, e acionando redes de parentesco e amizade participou de Programa de Educação de Base do MEB e chefiou a representação do Governo de Sergipe. Durante curto período, esteve no Amazonas a serviço do governo daquele Estado. As múltiplas atividades não o fazem porém esquecer os estudos. Em seu depoimento declarou:

"Poucos anos depois que estava no Rio tive saudades e voltei a ler alguma coisa sobre Antropologia(...) Verifiquei que estava atrasado (...) fiz uma revisão, uma recapitulação (...) Quase dez anos que eu passei afastado as coisas tinham mudado muito. Os processos de estudo, de investigação. Começavam a proliferar as publicações das pesquisas de campo..."(22).

Mas não é pelas pesquisas de campo que retoma a atividade de antropólogo. É pela teoria. Essa atualização exigia muita leitura e a aquisição de livros, vez que sua antiga biblioteca - rica de clássicos e atualizada para a época - ficara em Aracaju incorporada à biblioteca da Faculdade de Filosofia (23). Volta a comprá-los selecionando, sobretudo, obras de caráter teórico que lhe permitissem a atualização que desejava para acompanhar os debates do momento. E o faz com afinco e prazer. Afinal Antropologia era seu encanto, seu destino, sua vocação. Vocação que desafiava até mesmo a ausência de interlocutores diretos, pois, conforme escreveu, sentia-se um tanto deslocado da vida intelectual do Rio.

"Ao entrar na vida prosaica do dia-a-dia, não me introduzi entre os intelectuais e não penetrei nas rodas... (...) Não tenho com quem trocar idéias sobre o que escrevo." (24).

Se no Rio faltam-lhe os canais de acesso e os títulos acadêmicos para retomar o ensino regular da disciplina, uma vez que os docentes são agora recrutados num mercado concorrencial marcado pela formação especializada das pós-graduações que se firmam na década de 70, não lhe falta disposição para escrever. A quantidade de livros que consegue editar entre 1972 e 1988 dá a dimensão do trabalho desse "antropólogo vocacionado", que vivendo as três últimas décadas de sua vida num contexto em que a Antropologia se faz primordialmente no interior das instituições, continua a produzir e a publicar, acionando velhas redes de amizades e reconhecimento do seu trabalho. Assim surgem: *Antropologia Sociocultural* (1972), *Problemas de Antropologia* (1976), *Problemas e Perspectivas em Antropologia* (1980), *Aspectos Antropológicos do Simbolismo* (1983), *Análises Antropológicas* (1986), e *África Subsaariana* (1988), obras da maturidade que levam Thales de Azevedo, mestre de gerações e decano da Antropologia brasileira a fazer-lhe um comentário consagrador:

"...você tem o essencial, que falta a muitos, para escrever sobre questões gerais das Ciências Sociais: o domínio da problemática teórica... você conhece e toma posição conscienciosa das doutrinas que têm perpassado pela Antropologia, procurando fixar-lhe o fundamento epistemológico e a tese explicativa..." (25).

Assim, a trajetória intelectual de Felte iniciada num pequeno estado nordestino, marcada pelo fascínio pela Antropologia e voltada para o ensino da disciplina e para a pesquisa da realidade local, se desdobra, numa segunda etapa de sua vida - esta vivida no Rio de Janeiro sem vínculos institucionais com o circuito universitário - numa sistematização e discussão de obras de caráter teórico e de temáticas mais gerais no campo antropológico, nas quais se ressalta a sua preocupação didática sempre declarada, a lembrar sua vocação de professor, vocação reafirmada e definida por ele em seu último depoimento:

"... meu pensamento sempre foi assim: o professor é um expositor, é um informante, é um esclarecedor, é um guia. Mas deve ser totalmente isento de paixão. Isso é um ponto de vista meu. Talvez não coincida com o de vocês, vocês me perdoem. Mas eu continuo pensando assim. Eu acho que a cátedra não é o lugar de você, como se diz na gíria do Rio de Janeiro, "fazer a cabeça do aluno". Não. A cátedra é o lugar em que você dá ao aluno toda a instrumentação possível, com a qual você puder contar, e da qual ele escolhe o que quiser para que ele siga o seu caminho. Esse sempre foi meu pensamento como professor, como mestre, quer dizer, como professor do segundo grau e como professor universitário. Sempre tive esse pensamento (26).

Pensamento de um mestre que tendo abandonado o ensino regular em sala de aula no início da década de 60, quase trinta anos depois, fala do papel do professor com uma veemência de quem continua vivenciando o cotidiano do magistério. Mas, pensando bem, ensinar foi o que Felte fez até o fim dos seus dias. Continuou ensinando Antropologia não mais numa sala de aula, de forma regular como fez em Sergipe ao longo da década de 50, mas através dos seus muitos livros. Uma vista de olhos sobre a produção das duas últimas décadas de sua vida mostra seu empenho na sistematização de uma variedade de temas e um amplo espectro de questões trabalhadas indicando sua preocupação em manter-se atualizado e de passar para o seu público uma visão abrangente da Antropologia numa constante e renovada interlocução entre autores, teorias e problemas, em consonância com sua visão do papel do professor. Dessa forma, na elaboração e publicação dos seus muitos livros, Felte, que morre no Rio de Janeiro em 1990, encontrou a maneira de viver até o fim dos seus dias seu fascínio pela Antropologia e de divulgar o conhecimento da disciplina a um público mais amplo.

BIBLIOGRAFIA DE FELTE BEZERRA

BEZERRA, Felte. **Da Terra**. Aracaju. Ávila, 1938 (Tese de Concurso).

- _____. **Etnias Sergipanas**. Aracaju: Regina, 1950 (Reedição em 1984, Governo do Estado de Sergipe).
- _____. **Investigações Histórico-Geográficas de Sergipe**. Rio de Janeiro: Simões, 1952.
- _____. **Antropologia SócioCultural**. Brasília: Coordenada, 1972 (2ª edição em 1973).
- _____. **Problemas de Antropologia - Do estruturalismo de Lévi-Strauss**. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1976.
- _____. **Problemas e Perspectivas em Antropologia**. Rio de Janeiro: MEC/CFE, 1980.
- _____. **Aspectos Antropológicos do Simbolismo**. Rio de Janeiro: Medeiros, 1983.
- _____. **Análises Antropológicas - Estudo Teórico**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- _____. **África Subsaariana: ontem e hoje**. Recife: Avellar/Governo do Estado de Sergipe, 1988.

Além dos livros o autor publicou vários artigos em revistas diversas. Colaborou, durante as décadas de 40 e 50, com vários jornais de Aracaju como o **Diário de Sergipe**, o **Sergipe Jornal**, o **Correio de Aracaju**, o **Nordeste** e **A Cruzada**, publicando artigos e palestras sobre temas variados e comentários sobre apresentações artísticas.

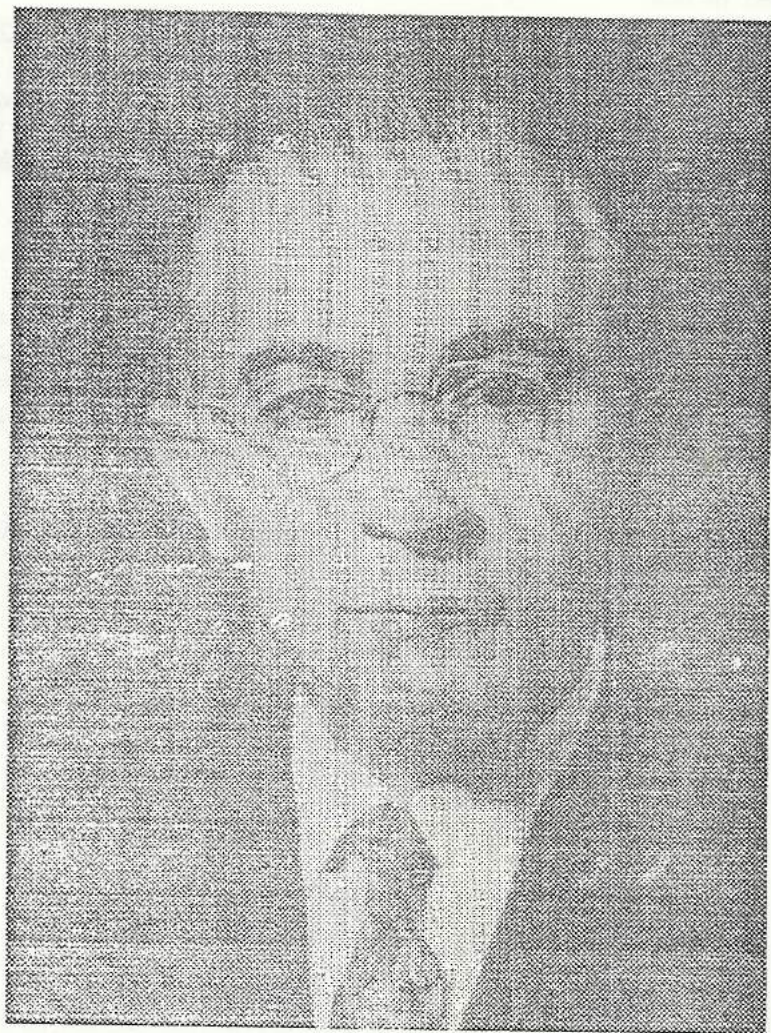
NOTAS

- 1 Felte Bezerra. **Depoimento prestado aos professores de Antropologia da UFS**. 05.03.87. Acervo do Museu do Homem Sergipano/UFS.
- 2 Jackson da Silva Lima. **Os Estudos Antropológicos, Etnográficos e Folclóricos em Sergipe**. Aracaju, SUCA, 1984. p.19.
- 3 Felte Bezerra. **Anotações autobiográficas registradas em 1988**. Manuscrito da família consultado através de Carmem Machado Costa a quem agradeço o empréstimo do documento, registrando seu empenho em salvar a memória do Dr. Felte Bezerra. Microfilme deste manuscrito encontra-se arquivado no CEMIC/UFS.

- 4 Felte Bezerra. **Idem**.
- 5 Bonifácio Fortes. "José Rollemberg Leite, um estadista". **Cadernos de Cultura de Estudante**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Nº8, 1991, p. 14.
- 6 Garcia Moreno. **Letras Vencidas**. Aracaju, Regina, 1955, p.93.
- 7 Felte Bezerra. **Anotações autobiográficas**.
- 8 Felte Bezerra. **idem**.
- 9 Sobre o ensino da Antropologia por médicos, ver o excelente depoimento de Thales de Azevedo, "**Primeiros Mestres de Antropologia nas Faculdades de Filosofia**" in Anuário Antropológico/82, 1984.
- 10 Sobre a institucionalização do ensino de Antropologia ver Luis de Castro Faria. **Antropologia, Espetáculo e Excelência**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ/Tempo Brasileiro, 1993.
- 11 Luis de Castro Faria. **op. cit.**, p.12.
- 12 Felte Bezerra. Depoimento.
- 13 Além dos congressos de Geografia, nas décadas de 40 e 50 freqüentava congressos de Sociologia, de Folclore e Antropologia. Em 1959 participou da Conferência Anual de Trabalhadores, OIT. Colônia - Alemanha.
- 14 Pierson reporta-se à correspondência mantida com Felte. Ver depoimento incluído em Mariza Correa (org). **História da Antropologia no Brasil**. São Paulo: Vértice; Campinas: Ed UNICAMP, 1987, p.114. Parte da correspondência recebida por Felte encontra-se no Museu do Homem Sergipano/UFS e, pela listagem preliminar, percebe-se a ligação com vários integrantes da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
- 15 Felte Bezerra. Depoimento.
- 16 Artur Ramos. **Introdução à Antropologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 3ª ed. 1962, p. 190.
- 17 Paulo Roberto Azeredo. **Antropólogos e Pioneiros: A História da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia**. São Paulo: FFLCH-USP, 1986, p. 51.
- 18 Emílio Willems. Prefácio. In: BEZERRA, Felte. **Etnias Sergipanas**. Aracaju: Ed. Regina, 1950.
- 19 Sobre a fundação da Faculdade de Filosofia ver Luiz Eduardo Pina Lima. **Ideologias e Utopias na História da Educação - O Processo de Criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe**. Trabalho de

conclusão de Curso de Especialização apresentado ao NPPCS/UFS, 1993, mimeo.

- 20 Para um apanhado das apreciações sobre **Etnias Sergipanas** ver Garcia Moreno. *Letras Vencidas*. Aracaju, Regina, 1955. Uma análise mais detalhada do trabalho foi feita por José Silvério Leite Fontes constando de artigos publicados no **Diário de Sergipe** de abril de 1950, sob o título: "**Três aspectos de Etnias Sergipanas**". Ver também Nunes Mendonça, in **O Nordeste**, fevereiro de 1950.
- 21 Garcia Moreno. **op. cit.**, p.21.
- 22 Felte Bezerra. Depoimento.
- 23 A antiga biblioteca que Felte formou em Aracaju encontra-se hoje incorporada à Biblioteca Central da UFS. Os livros de Antropologia por ele adquiridos depois da mudança para o Rio de Janeiro foram doados pela viúva ao Museu do Homem Sergipano, juntamente com um acervo documental que inclui cartas, fotografias, certificados e diplomas.
- 24 Felte Bezerra. **Anotações autobiográficas**.
- 25 Thales de Azevedo **apud** Felte Bezerra. **África Subsaariana**. Recife: Avellar/Governo do Estado de Sergipe.
- 26 Felte Bezerra. Depoimento.



Felte Bezerra